



PostCovid19: O único horizonte possível para o setor do turismo continua a ser a Sustentabilidade

Uma das perguntas que se colocava ao setor de turismo, e que hoje se mantém atual, é se o modelo de desenvolvimento adotado pelo setor contribuía ativamente para a concretização dos objetivos estabelecidos na Agenda 2030.

Nossa resposta é que, se falarmos desse modelo de turismo com base no aumento do número de turistas e no conseqüente aumento da receitas geradas, independentemente do impacto sobre o bem-estar social local e sem levar em conta a quantidade de recursos consumidos, certamente podemos dizer não. O turismo não está a contribuir nem a servir de estímulo para incentivar processos de mudança que permitam aos países avançar em direção à Sustentabilidade real e à plena realização de todos e cada um dos objetivos do Desenvolvimento Sustentável.

O turismo, embora de maneira diferenciada e em contextos diferentes, pode ser um poderoso motor para o cumprimento da maioria das metas de desenvolvimento e para enfrentar de forma comum com muitas dificuldades sociais, especialmente nos territórios que optaram pelo desenvolvimento sustentável do setor.

Assim, **hoje mais do que nunca**, as ambições e a visão transformadora da Agenda 2030 devem ser adotadas no âmbito de uma abordagem sólida da Teoria da Mudança. Quer isto dizer, as mudanças de paradigma para as quais o setor de turismo, assim como os demais impulsionadores do desenvolvimento, se aproximavam lentamente face ao distante ano de 2030, hoje tornam-se inalienáveis e o setor deve ter se transformado, em muitos casos de maneira radical, de forma mais urgente e rápida. Dessa mudança depende a sobrevivência do setor e a riqueza do intercâmbio cultural que a fez prosperar.

Hoje, mais do que nunca, podemos dizer que "**se não é sustentável, não pode ser considerado desenvolvimento**" e nós, que lidamos com a sustentabilidade há décadas, temos essa consideração assumida de forma muito profunda.

Sabemos que os Destinos Sustentáveis são caracterizados por terem uma sólida estrutura político e técnica, cujo total envolvimento no desenvolvimento de um sistema turístico responsável apresenta



como resultados a criação de sinergias e espaços de participação e associação a todos os níveis, garantem a consecução dos mais altos objetivos de sustentabilidade local e global.

Assim, nestes tempos de crise, os Destinos Turísticos Sustentáveis devem ser estar alicerçados em ações estratégicas, para que as intervenções dos diversos atores envolvidos durante o processo sejam mais eficazes e eficientes e visem o bem-estar social das comunidades envolvidas, sejam elas receptoras ou emissoras.

Porque para nós, antes de tudo, estão as pessoas e seu relacionamento equilibrada com o planeta que todos habitamos e partilhamos.

Em resumo, para nós, que entendemos o turismo apenas e só como um elemento de sustentabilidade, trata-se fundamentalmente de nos orgulharmos de nosso passado, gerir o presente para enfrentarmos com determinação a crise que nos preocupa a todos e projetarmos para o futuro com força, empenho e muita resiliência.

A força do caminho que temos percorrido juntos e no qual, como todos líderes, ajudamos os nossos parceiros a percorrer, tem afirmar a turismo como um setor essencial, que cuida do sonho e felicidade dos turistas, mas também se ocupa do bem-estar e o crescimento saudável das comunidades residentes e para isso, é essencial a participação de todos os agentes e forças ativas que integram o setor do turismo, que interagem no e com o destino. Assim como é **imprescindível também ter um projeto comum e uma visão partilhada**, que defina a gestão do destino e sua adequada governança de curto, médio e longo prazo.

Essa é uma governança do turismo que envolve as administrações locais, empresas e serviços da Destino, os residentes e atores da sociedade civil envolvidos, bem como turistas proativos e responsáveis, e une esforços **para sair deste contexto com a segurança de ter e de fazer parte de mudança para melhor.**

Hoje, mais do que nunca **a sustentabilidade "é" a solução.** É o **pilar ao qual podemos nos agarrar sem medo.** É a resiliência que o sistema socioeconómico global demonstrou não ter, ainda. É o sistema em que a economia passa a ter uma missão clara no bem-estar e felicidade das comunidades. É o valor agregado da cooperação, comparado à pura competição. É o espaço para



RESPONSIBLE
TOURISM
INSTITUTE



BIOSPHERE

instituições fortes, transparentes e participativas agirem. É a expressão da felicidade gerada pela troca cultural intencional e genuína. É o orgulho de oferecer a qualidade criada a partir da interação modular dos diversos do turismo. É a dedicação que colocamos em fazer do nosso Destino um ecossistema especial, sem ter que o destruir ou se dissipar face à presença de outras culturas e estilos. É a ferocidade de saber que os/as nossos colaboradores/as têm a oportunidade de viver uma vida decente e que as nossas ações são efetivamente inclusivas e respeitosas. É a segurança do combate para manter um ambiente social, económico, cultural e ambiental saudável e capaz de continuar a oferecer serviços e experiências inestimáveis.

Em suma, é o nosso orgulho por trabalharmos e nos dedicarmos a um mundo melhor ...
...hoje mais que nunca!!!

*É o que fazemos através da Biosphere Responsible Tourism. É isso que propomos a todo o mundo.
É essa a nossa Missão, tornar sustentável a nova realidade do turismo mundial.*



Economia sustentável e de proximidade

Sendo o turismo um dos setores económicos mais importantes do mundo e constituindo uma das maiores oportunidades de emprego em muitos Destinos Turísticos, sua contribuição para a redução da pobreza, hoje mais do que nunca, deve manter-se.

Assim, os níveis de emprego ao nível da comunidade local devem ser mantidos, dado que é notoriamente o elo mais fraco da cadeia.

Da mesma forma, a curta cadeia de valor do turismo e a sua inclusão devem ser garantidas, principalmente dos atores locais e produtores de bens e serviços. Ou seja, aumentar ao máximo a proporção entre gastos no destino e os gastos totais, garantindo que esses benefícios que chegam ao Destino, aí permaneçam.

De importância vital neste objetivo é a atenção e a forte procura dos visitantes.



O turismo que alimenta!

O setor do turismo deve garantir o aproveitamento dos produtos agrícolas locais, sem comprometer a capacidade de abastecimentos das comunidades.

Desta forma, deve-se propor primeiramente ao visitante a especialidades gastronómicas locais, para as valorizar e evitar o reforço das práticas alimentares globalizadas que requerem ingredientes externos e técnicas nem sempre disponíveis e/ou acessíveis.

Minimizar ao máximo as importações.





Assumir a responsabilidade da segurança!

Assegurar as condições para que o destino possa oferecer segurança em matéria de contenção e controlo da Covid-19, seguindo as orientações locais e as melhores práticas internacionais.

O Destino tem de ser transmissor de boas práticas de segurança aos visitantes e ao resto da comunidade. Ao mesmo tempo devem reforçar-se as práticas saudáveis no turismo, como as atividades de natureza, desportivas, etc.

Como tal, entre as prioridades do Destino deve estar, a implementação de serviços sanitários adequados à deteção e atenção atempada de casos Covid, assim como de sistemas eficazes de tratamento de casos graves e de confinamento.

Um plano de ação de segurança sanitária será imprescindível para a recuperação do Destino neste período de crise e poderá assumir-se como um dos valores mais poderosos para o mercado.



Não é momento para a ignorância e desconhecimento!

O Destino deverá manter altos níveis de informação sobre os avanços científicos relacionados com a pandemia e as respostas que se esperam, baseados em fontes fiáveis, a nível nacional e internacional.

Devem garantir-se as competências técnicas dos operadores e agentes do Destino relativamente às técnicas de prevenção e contenção do contágio.

De não menor importância é a transmissão dos saberes locais e o conhecimento de proximidades, para perceber a fundo a comunidade e valorizá-la ainda mais. Também em termos económicos.

Oferecer mais conhecimento ao visitante, é torna-lo um promotor global da coexistência do Destino, baseada no respeito e na empatia entre a comunidade e o ambiente: “Ninguém ama o que desconhece”.





Todos somos uma!

O Destino deverá assegurar a inclusão das populações mais vulneráveis nos programas de desenvolvimento, em particular as mulheres, garantindo a sua capacidade para continuarem a aportar benefícios aos seus núcleos familiares, a participação na vida social e económica do Destino e a possibilidade de sobrevivência digna.

As desigualdades são um dos piores efeitos do novo sistema económico que pode surgir.

Aproveitemos esta crise para dizer: “Já basta!” e favorecer mais as mulheres, assim como as demais populações discriminadas no processo de construção do desenvolvimento e do futuro.

Da mesma forma, hoje mais do que nunca, erradicar o cancro do turismo sexual e da violência, âmbitos sobre os quais os Destinos deverão colocar grande atenção.



A água é um direito inalienável

A disponibilidade de água corrente e limpa para todos e o saneamento e correta atuação das águas residuais são de vital importância para manter níveis adequados de segurança sanitária e para a limitação das possibilidades de contágio.

Assim, os agentes da oferta, em particular os do setor do alojamento, devem ter em conta as limitações intrínsecas e extrínsecas dos seus próprios sistemas de abastecimento e saneamento em relação ao volume aceitável de visitantes.

Da mesma forma, o Destino e a sua administração devem colocar especial atenção na garantia da oferta de um sistema de abastecimento e saneamento adequados, sobretudo limitando o número de turistas que podem disfrutar do Destino face às suas possibilidades e fomentando uma redução importante do consumo e da contaminação da água.





Eficiente sempre, contaminante nunca!

Os serviços de abastecimento energético terão de estar assegurados, sobretudo para os espaços sanitários do Destino, mas também para garantir o correto desenvolvimento das operações de controlo do contágio.

Assim, a indisponibilidade de energia limpa é hoje um dos principais motores da deflorestação e da perda da biodiversidade mundial. Aumentando a produção de energias renováveis, adotando soluções eficientes de utilização e consciencialização do turista sobre a importância dos seus padrões de consumo, podem-se obter grandes resultados.



Ao serviço da comunidade!

O crescimento económico sustentável deve prever o aumento da quantidade de benefícios que permanece no destino e garantir que esses recursos cheguem ao maior número de atores locais e às comunidades, independentemente de terem uma participação direta, indireta ou inexistente no setor de turismo.

"Acima de tudo as pessoas" é o lema de uma economia ao serviço do bem-estar humano e cujo crescimento é feito em harmonia com o meio ambiente e que se traduz em felicidade para todos atores envolvidos, tanto na procura quanto na oferta.

A promoção dos destinos nas comunidades emissoras deve se basear nesse paradigma, além da segurança, para que desta forma visitante esteja consciente do seu contributo e participe ativamente na distribuição de benefícios à comunidade.



Onde o futuro é gerado!

Os setores dos transportes e comunicações são os que mais são postos em causa durante esta crise. Em particular, o dos transportes deve garantir condições de viagem adequadas para a prevenção do contágio, o que não será muito fácil. As soluções já estão a ser estudadas por todas as comunidades recetoras e não recetoras, assim como situações de emergência que devem ser cobertas pelo setor dos transportes, a fim de enfrentar uma transferência rápida e ágil de pacientes nas melhores condições de segurança.

Desta forma, no setor das comunicações deve ser garantido, especialmente naquelas localidades em que o risco limitado representado pela falta de comunicação antes da crise é hoje absolutamente inaceitável, sistemas adequados e resilientes em caso de crises subsequentes de natureza diferente [apagões, incêndios, inundações etc.]. Não menos importante é repensar a estrutura de suprimento de produtos turísticos, para que se torne modular e inclua ofertas de vários destinos e multiprodutos e promova a cultura da rota turística, inter-destinos, com tudo incluído.



A poderosa ferramenta de intercâmbio cultural!

Na redução das desigualdades, as comunidades emissoras também estão a ser postas em causa, devendo garantir que os seus emissários tragam uma melhoria à qualidade do turismo nos destinos, bem como os destinos se devem colocar em posição de reivindicar e assumir esse tipo de colaboração desde a base.

A administração do destino deve promover a promoção de estruturas, empresas e produtos comprometidos com a inclusão e o intercâmbio cultural intencional e construtivo, bem como aqueles que envolvam proativamente os turistas.





Smart is green

Evitar os efeitos danosos da sobrelotação, bem como a luta contra o turismo excessivo ou a gentrificação dos destinos, são hoje elementos essenciais do desenvolvimento turístico. Da mesma forma, a deslocação de um grande número de pessoas de maneira segura e a prestação de serviços básicos para o turismo, como acomodações e visitas guiadas, devem ser realizadas com segurança, mantendo distâncias e evitando a possibilidade de contágio.

Não menos importante é a promoção do turismo descentralizado e difuso no destino, para evitar movimentos de massa entre os locais de concentração das atrações e a oferta de produtos, bens e serviços turísticos.



O turismo sustentável é um modo de vida!

A produção e o consumo do turismo, bem como a infinidade de recursos necessários e aos quais está profundamente ligado, significa monitorizar os dois lados da cadeia de valor do setor: oferta e procura.

Assim, o setor de turismo sustentável deve continuar a assumir-se como um fator determinante na mudança dos valores de consumo e produção, tanto nas comunidades recetoras quanto nas de origem. A comunicação nessa área deve ser massiva, bem como a adoção das suas propostas de valor.

Não menos importante, a produção e o destino final dos resíduos, elemento crítico também pelo seu potencial de contágio, devem ser colocados no centro de dos comportamentos adequados, tanto para moradores quanto para visitantes.





Transporte de baixo impacto já!

Foi determinado que a presença de partículas no ar é a causa da propagação do vírus e do aumento na disseminação do contágio, fazendo com que os destinos devam garantir uma redução drástica das emissões durante esse período de crise, perseguindo os objetivos estabelecidos de forma mais focada. Sempre que possível, o uso da bicicleta é o que melhor cumpre os objetivos de distância social e de baixo impacto, além de ser um excelente meio para interligar destinos e interagir com proximidade no ADN do percurso.



Compre ao pescador!

Nos destinos em que se aplique, também é necessário apostar numa economia de proximidade que priorize os pescadores locais e as cadeias curtas de fornecimento, evitando produtos globalizados e com muitas especificações técnicas.

Desta forma, é importante aproveitar esta crise para reduzir o impacto do turismo nos ecossistemas aquáticos, tanto costeiros como marinhos, promovendo um turismo respeitador e conhecedor, eliminando os plásticos da cadeia de valor do turismo de sol e praia, e apostando em manter as praias longe da massificação.



Não vamos baixar a guarda!

O turismo nos Destinos Alternativos (em territórios de baixa densidade e com elevado património natural e/ou cultural), deverá aumentar muito durante a fase pós-confinamento, pelo que os impactos do turismo nos ecossistemas terrestres devem ser monitorizados de perto, sobretudo junto a Áreas Protegidas.

Os Destinos Alternativos não são propriamente santuários de natureza ou cultura, mas também não estão preparados para receber um grande número de turistas, esse não é nem nunca foi o seu objetivo; portanto, os impactos negativos podem ser de dimensões absolutamente inaceitáveis. Por isso, este momento deve também ser aproveitado para calcular a sua capacidade de carga.



Mais destino!

Precisamos de uma administração mais eficiente e orientada para o bem-estar das comunidades, recebendo e transmitindo, mais transparência, mais participação, mais equidade, não procurando receitas a todo o custo, menos exploração de recursos e pessoas, menos intolerância e menos segregação. Precisamos de um turismo franco, que inspire abertura e participação de todos.



17 PARCERIAS PARA
A IMPLEMENTAÇÃO
DOS OBJETIVOS



Ninguém está nisto sozinho! Ninguém sai disto sozinho!

Os destinos devem começar a dialogar com suas comunidades emissoras, a fim de desenvolverem estratégias conjuntas, produtos seguros, redes de colaboração, troca de bens e serviços entre as respectivas comunidades.

Temos que construir a comunidade. Desta forma, nestes dias de crise, de confinamento e distância, temos que apostar em impedir que o isolamento se torne em individualismo.

A distância física não precisa de se tornar em distância social, assim como a proteção individual necessariamente passa pela proteção coletiva.

O que o Instituto de Turismo Responsável propõe ao Mundo face o desafio que o Mundo nos apresenta é uma nova "cultura do turismo", uma visão integrada do desenvolvimento a longo prazo e uma capacidade futura de valorização humana, em que o turismo deve continuar a ter um papel relevante na criação do bem-estar humano, minimizando os seus impactos diretos e indiretos, tanto nas comunidades recetoras quanto nas de origem.

Da mesma forma, a participação indispensável do setor privado e da sociedade civil no processo de transformação e no alcance dos ODS deve transformar o turismo num poderoso motor dessa integração público-privada-comunidade-civil-sociedade, que a crise está a exigir em voz alta.

Por fim, e não menos importante, acreditamos que hoje mais do que nunca, os Destinos devem ser dotados de um comité técnico-científico, escolhido pela sua capacidade técnica e honestidade intelectual, independente de possíveis conflitos de interesse, cuja responsabilidade deve passar pela tradução de uma grande quantidade de informações científicas em possíveis recomendações de ação, para os decisores políticos, que, enquanto representantes legítimos das comunidades, deverão assumir e liderar a decisão final das linhas de intervenção mais adequadas e as ações necessárias para implementar a Estratégia de Sustentabilidade Turística dos seus Destinos.

“Hoje mais do que nunca, se não é sustentável, não é desenvolvimento!”





RESPONSIBLE
TOURISM
INSTITUTE



BIOSPHERE

Documento de referência:

Azcárate T., Benayas J., Nerilli G. y Justel A., 2019. "GUIA PARA UN TURISMO SOSTENIBLE. Retos del sector turístico ante la Agenda 2030", REDS, Madrid.

Disponível em:

<https://www.biospheretourism.com/en/downloads/118>